

PRESERVAÇÃO DA MEMÓRIA FAMILIAR

Silmara Opalinski Kobner*

RESUMO: Este artigo analisa uma experiência de trabalho em sala de aula, o resgate da memória familiar dos alunos da 8ª série do Ensino Fundamental, do Colégio Estadual “Jorge Queiroz Netto”. É importante que o aluno se identifique como sujeito da história e valorize a sua história de vida e de sua família. Assim, o objetivo desse trabalho foi valorizar o indivíduo na construção e na preservação da memória familiar, visto que, no mundo contemporâneo, os jovens não conhecem e não valorizam as memórias de suas famílias. Os fundamentos da pesquisa apoiaram-se na Nova História Cultural e na História Oral, na modalidade História de Vida. Buscou-se, no trabalho com relatos orais, os depoimentos e narrativas das famílias dos alunos, num processo de rememoração, resultando nas histórias de vida de cada um. A reconstrução das raízes e a preservação da memória de família transformou os anônimos da comunidade escolar em construtores e protagonistas de sua própria história.

Palavras-chave: Memória. Família. Aluno. Consciência histórica.

PRESERVATION OF MEMORY FAMILY

ABSTRACT: This article analyzes an experience of work in the classroom, the rescue of the family memory of the students in 8th grade of Elementary School, of Colégio Estadual “Jorge Queiroz Netto”. It is important that the student identifies himself/herself as subject of history and values his/her life story and of his/her family. Thus, the objective of this study was to value the individual in building and preserving the memory of families, whereas in the contemporary world, young people don't know and don't value the memories of their families. The fundamentals of research have supported the New Cultural History and Oral History in the History of Life form. It is intended to work with oral histories, testimonials and narratives of the families of students in a process of recall, resulting in the life histories of each one. The reconstruction of the roots and the preservation of family memories became the anonymous of school community in builders and leaders of their own history.

* Professora de História da Rede Pública Estadual do Paraná e Especialista em História Antiga e Medieval pela Universidade Estadual de Ponta Grossa. Este trabalho contou com a orientação da Profª Drª Christiane Marques Szesz, do Departamento de História da Universidade Estadual de Ponta Grossa.

Keywords: Memory. Family. Student. Historical consciousness.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo discute uma experiência de trabalho, a implementação de um projeto de pesquisa com o tema “Preservação da Memória Familiar”, aplicado com os alunos da 8ª série do Ensino Fundamental, do Colégio Estadual “Jorge Queiroz Netto”, na cidade de Piraí do Sul.

O projeto se preocupou em resgatar a memória familiar dos alunos, visto que no mundo contemporâneo os jovens não conhecem e não valorizam as memórias de suas famílias.

Considerando que a escola é uma instituição que tem como compromisso transmitir saberes construídos ao longo do tempo pela humanidade, constitui-se, também, uma instituição de memória e um espaço de produção de saberes em que o trabalho cotidiano de alunos e professores possibilita a construção de conhecimentos sobre cada um, a comunidade e sobre o que, como e por que ensinar e aprender. Porém, a aprendizagem só se torna significativa quando os alunos entendem o porquê daquilo que estudam e relacionam com sua vida cotidiana.

Nesse contexto, trabalhar com o resgate da história familiar propiciou, ao nosso aluno, a oportunidade de realizar um verdadeiro processo de pesquisa, produzindo de fato novos conhecimentos, construindo uma percepção sobre o passado e o presente, enriquecendo a história social.

Ecléa Bosi (1995) afirma que a decadência da arte de contar história é decorrente do fato de não mais escutarmos nossos velhos, de não instigarmos seus processos de rememoração, condição, segundo a autora, fundamental para o resgate e a valorização da memória familiar. A geração dos velhos permite à História instrumentos para refletir sobre a mobilidade das mais variadas sociedades e oferece discursos diversos para compor a análise. Rememorar apresenta, entre outras coisas, a necessidade de enraizamento, tornando o papel do passado fundamental na formação de identidades.

Assim, este estudo teve como objetivo recuperar a existência de sujeitos, homens e mulheres, vivendo múltiplas temporalidades e experiências distintas, fortalecendo a consciência histórica, o sentimento de pertencimento, de identidade, elementos fundamentais para a formação da cidadania.

Os fundamentos da pesquisa apóiam-se na Nova História Cultural e na História Oral, na modalidade História de Vida, visto que aborda objetos até então não revelados pela História Tradicional, ou seja, as memórias das famílias dos alunos, sendo o objeto da pesquisa a família dos mesmos.

Este trabalho de pesquisa foi significativo, pois possibilitou uma experiência diferenciada no cotidiano escolar, que culminou com as narrativas das histórias de vida da família do aluno, cujo tema é valorizado na proposta das Diretrizes Curriculares de História para a Educação Básica (2006), a qual diz que a memória só poderá ocorrer mediante um trabalho que se aproxime da comunidade que o envolve. Para isso, essa pesquisa levada ao espaço escolar procurou atingir esse objetivo.

2 SOBRE A MEMÓRIA E A CONTRIBUIÇÃO DA HISTORIOGRAFIA

Para a implementação do projeto, foi essencial trabalhar dois temas: a memória e a família. O resgate da memória é de suma importância para a construção da identidade do indivíduo, pois “a identidade é a percepção do que somos, o campo no qual ela se reconhece.”¹ Para isso, é necessário que não se deixe de rememorar, ir em busca das raízes. Foi o que os alunos fizeram através deste projeto. A oportunidade de conhecer a história de vida dos seus pais, avós e outros familiares foi fundamental, pois a memória familiar deve ser preservada e compartilhada e os alunos deixaram registrado sua história e a de sua família, para que as próximas gerações possam conhecer de onde vieram.

Aí vêm as indagações: “Por que a memória é parte integrante do nosso cotidiano?” Em decorrência, também questiona-se: “Como a história oral contribui para a presença da memória em nossas vidas?”.

“A “memória” vem do latim “memoris” e é a faculdade de lembrar e conservar estados de consciência passados e tudo quanto a eles está relacionado. Sem memória, uma pessoa não se reconhece, ela se despedaça e, com efeito, deixa de

existir. Somos seres capazes de lembrar e de esquecer, logo, seres capazes de memória” (HOLANDA, 2007).

Dentre os vários estudos sobre a memória, os de Maurice Halbwachs contribuíram muito para a compreensão da memória e suas relações com o contexto social. Para ele, o lembrar se dá sempre no social, ou seja, mesmo a memória aparentemente mais particular, a experiência vivida, está ligada à memória de um grupo. Cada um carrega as suas lembranças, mas não se está só neste ato de lembrar, ao contrário, está o tempo todo interagindo com a sociedade, seus grupos e instituições. A memória pessoal está impregnada das memórias dos que o cercam. Não é preciso que eles estejam presentes, a memória individual e as maneiras como se percebe o mundo se constituem, a partir desse emaranhado de experiências, tão diversas quanto os diferentes grupos com quem se interage.

... nossas lembranças permanecem coletivas, e elas nos são lembradas pelos outros, mesmo que se trate de acontecimentos nos quais só nós estivemos envolvidos, e com objetos que só nós vimos. É porque, em realidade, nunca estamos sós. Não é necessário que outros homens estejam lá, que se distingam de nós: porque temos sempre conosco e em nós uma quantidade de pessoas que não se confundem”. (HALBWACHS, 1990, p.26).

Entretanto, narrar as memórias de nossa vida não é algo fácil, muito pelo contrário, requer esforços e dedicação, afinal, segundo Bosi (1995) “A memória não é sonho, é trabalho”. Trabalho no sentido de reviver, refazer, reconstruir, com imagens e ideias de hoje as experiências do passado.

O grupo familiar é uma referência fundamental para a reconstrução do passado, porque ele é, ao mesmo tempo, objeto e espaço para recordações. Sempre há na família a figura do guardião ou guardiã da memória, é aquela pessoa “escolhida” para cuidar e transmitir a memória familiar e do grupo. Geralmente este papel é assumido pelos idosos da família, especialmente os avós, que são o elo vivo entre as gerações e, neste trabalho, a figura dos avós foi fundamental para o resgate das histórias familiares.

Halbwachs (1990) chama atenção para os “museus de famílias”, que são de fato, marcas do passado, ou seja, não são apenas elementos que evocam lembranças, mas, além disso, são a própria lembrança.

“A memória familiar é uma construção coletiva, uma corrente de pensamento contínuo (...) que retém do passado somente o que está vivo ou capaz de viver na consciência do grupo que a mantém.” (HALBWACHS,1990, p.81-82).

A memória das pessoas e de suas famílias é o primeiro elo na composição da memória do grupo social que compõe um país. De pais para filhos, de geração para geração, na vida cotidiana, através dos séculos, as pessoas transmitem suas experiências, seus preceitos e seus ensinamentos úteis. É o ato de evocar as lembranças, que histórias de vida são resgatadas. Sobre a lembrança, Ecléa Bosi indica que:

“ (...) Uma lembrança é um diamante bruto que precisa ser lapidado pelo espírito. Sem o trabalho da reflexão e da localização, ela seria uma imagem frígida. O sentimento também precisa acompanhá-la para que ela não seja uma repetição do estado antigo, mas uma reparação ...” (BOSI, 1979, p.31).

Assim, as lembranças jamais se apresentam isoladas e as famílias dos alunos, objeto da nossa pesquisa, ao rememorarem o passado, envolveram outros indivíduos, pois nas lembranças nunca estamos sós.

Quando se pensa em família, imediatamente vem à mente um pequeno grupo social, composto por um casal e seus filhos. Essa imagem é tão forte no imaginário e se encontra tão presente nos mais diversos pontos deste mundo globalizado, que há a tendência de rejeitar ou ignorar qualquer outra forma de relação, inclusive desprestigiando outros vínculos que por ventura se formam com pessoas de fora desse quadro familiar.

A família é considerada um tema bastante atual, não apenas em História como também em outras áreas do conhecimento, que discutem a sua estrutura, suas crises e peculiaridades ao longo do tempo.

Cada momento histórico corresponde a um modelo de família preponderante, e não significa que este seja único. Em outras palavras, paralelamente aos modelos dominantes de cada época, sempre há outros. Assim, não se deve falar de família, mas de famílias, para que se possa contemplar a diversidade de relações familiares que convivem em nossa sociedade.

Por muito tempo a família como objeto de pesquisa foi erroneamente considerado exclusivo da Sociologia e da Antropologia. Se sociólogos e antropólogos tiveram na família um campo sempre privilegiado de discussões, o mesmo não se deu com historiadores. A historiografia manteve, inicialmente, certa resistência ao tema e isso ocorreu porque a História sempre esteve restrita ao estudo da vida pública, deixando a análise da vida doméstica para outras áreas do conhecimento.

Embora vários estudiosos tenham tratado da história da família na segunda metade do século XIX, os estudos históricos sobre a família renasceram de outra fonte, sob a influência da evolução da chamada *École des Annales* de Febvre e Bloch, através da revista *Annales d'Histoire Économique et Sociale*, fundada em 1929, na Universidade de Estrasburgo, na França. Naquele momento era preciso combater a história essencialmente política e diplomática e impulsionar a história social

No entanto, dentre todas as contribuições, a mais recente é a do historiador Philippe Ariés², que publicou em 1960 *L'enfant et La vie familiale sous l'Ancien Régime* (Crianças e vida familiar sob o Antigo Regime). Segundo Ariés (1981), a percepção da família como elemento estruturante da sociedade inicia-se na Idade Moderna, a partir do surgimento da burguesia. Nessa época, teve início a valorização da criança e a sua manutenção junto aos pais, a preocupação com a educação e a igualdade entre os filhos, a criação das escolas, a divisão dos espaços da casa, o distanciamento entre patrões e empregados e, principalmente, a preservação da privacidade familiar. Começa-se, assim, a pensar a família como instituição social, com seus padrões, valores e regras, tendo-se desenvolvido e alterado ao longo do tempo.

Unindo a “descoberta da infância” com as transformações da família e da estrutura social, Ariés impulsionou toda uma geração de pesquisadores. Chamou a atenção para o uso de fontes até então ignoradas, como a iconografia e a arte. Sua ênfase no sentimento e na privacidade como características definidoras da família moderna estimularam estudos como os de Demos³, Shorter⁴, Stone⁵ e outros.

No Brasil, os historiadores da família também estiveram atentos ao debate teórico que se processava nos meios acadêmicos europeus e norte-americanos, a partir dos anos setenta. Resguardando nossas especificidades históricas, adaptaram e desenvolveram metodologias próprias à documentação disponível. Assim, nas

últimas décadas, as pesquisas na área têm provocado revelações surpreendentes sobre o nosso passado e novas visões acerca da sociedade brasileira.

As matrizes conceituais sobre a família brasileira podem ser encontradas em três autores entre os anos de 1930 – 1950: Gilberto Freyre⁶, Oliveira Vianna⁷ e Antônio Cândido⁸. Partem do pressuposto de uma família patriarcal rural e extensa no século dezenove e anteriores, e que se transforma em nuclear, quando transplantada para um ambiente urbano e moderno, no século vinte.

Eni Mesquita Samara⁹ e Mary Del Priore¹⁰, também exploram a história da família brasileira, ampliando a visão dos dados históricos, reelaborando os estudos anteriores, e reavaliando os critérios até então utilizados. As investigações dessas autoras enfraqueceram as convicções de diversos historiadores, antropólogos e sociólogos, que consideravam a família brasileira unicamente patriarcal.

Ao se trabalhar com as histórias familiares, incentivou-se o aluno pesquisador. Assim, através da história oral, mediante entrevistas, os alunos coletaram depoimentos dos seus pais e avós para organizar a sua história de vida.

Conforme o historiador Paul Thompson, a história oral é construída em torno de pessoas, diminuindo a distância entre professor e aluno, a escola e a comunidade, contribuindo para formar seres humanos mais completos.

Ela lança a vida para dentro da própria história e isso alarga seu campo de ação. Admite heróis vindos não só dentre os líderes, mas dentre a maioria desconhecida do povo. Estimula professores e alunos a se tornarem companheiros de trabalho. Traz a história para dentro da comunidade e extrai a história de dentro da comunidade. Ajuda os menos privilegiados e especialmente o idoso a conquistar a dignidade e auto-confiança. (THOMPSON, 1992, p.44).

Foi na Universidade de Colúmbia, em Nova York, que nasceu em 1947 a Moderna História Oral, a partir da organização sistemática e diferenciada de um arquivo, realizada por Allan Nevins, que oficializou o termo, que passou a ser indicativo de uma nova postura em face as entrevistas.

No Brasil, a metodologia foi introduzida na década de 1970, quando foi criado o Programa de História Oral do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC), sediado na Fundação Getúlio Vargas no estado do Rio de Janeiro, que tinha como objetivo obter depoimentos de líderes políticos que atuaram a partir da década de 20.

Foi somente a partir dos anos 90 que a História Oral passou a ter maior dimensão no Brasil, o que aconteceu em vista da realização de inúmeros seminários e cursos que procuraram discutir este tema e, também, através de intercâmbios com pesquisadores do exterior. Em 1994, foi criada a Associação Brasileira de História Oral, que congrega membros de todas as regiões do país, reúne-se periodicamente em encontros regionais e nacionais, e edita uma revista e um boletim. Dois anos depois, em 1996, foi criada a Associação Internacional de História Oral, que realiza congressos bianuais e também edita uma revista e um boletim.

A memória e a identidade são as matérias essenciais da história oral. Por meio das entrevistas pode-se perceber as formas de organização das narrativas, que sempre se apoiam em relatos que evocam o passado, determinando a configuração da memória e suas relações com a identidade. Mais do que a rememoração, a lembrança e a recordação, os trilhos que dirigem as formas de contar estão intimamente ligados à memória e à identidade que se constituem em cenários mais amplos.

Deve-se lembrar que a História Oral pode ser utilizada em vários ambientes e estes necessariamente não precisam estar exclusivamente dentro das universidades. Pode ser utilizada em escolas para conhecer sua própria comunidade. As conversas sobre o passado recente estreita o relacionamento entre jovens e idosos; valoriza os traços culturais locais. Neste aspecto, a possibilidade oferecida pela História Oral, propicia que se resgate o cotidiano das pessoas, considerando que a memória de um indivíduo é um ponto de partida de uma parte do todo que é a memória coletiva.

Nesse sentido, buscou-se no trabalho com relatos orais, os depoimentos e narrativas das famílias dos alunos, num processo de rememoração. Por isso realizar o estudo da história de vida dos sujeitos históricos, pela história oral, permitiu identificar as experiências particulares e coletivas dos membros dessa família, desvelando o passado com interpretações que os sujeitos dão no presente.

Para Ecléa Bosi (1994), aquilo que se viu e se conheceu bem, aquilo que custou anos de aprendizado e que, afinal, sustentou uma existência, passa a outra geração como um valor. No caso da prática da história oral, os familiares do convívio dos alunos passam a ser considerados sujeitos históricos que contribuem na construção do conhecimento. Valorizam-se, assim, tanto as vivências pessoais dos adolescentes quanto as experiências dos grupos familiares.

3 EXPERIÊNCIA EM SALA DE AULA: MEMÓRIA FAMILIAR

“ ... para estudar o passado de um povo, de uma instituição, de uma classe, não basta aceitar ao pé da letra tudo quanto nos deixou a simples tradição escrita. É preciso fazer falar a multidão de figurantes mudos que enchem o panorama da História e são muitas vezes mais interessantes e mais importantes do que os outros, os que apenas escrevem a História.” (DCE/SEED, 2006).

Trabalhar com o resgate da memória familiar foi uma experiência que contou com a participação de 47 alunos, entre 13 e 14 anos. A intervenção pedagógica teve início com a investigação dos conhecimentos prévios dos alunos a respeito da história de sua família, mas pelos relatos constatou-se o desconhecimento da maioria em relação às suas próprias origens. É o que se pode comprovar no gráfico abaixo:

DIAGNÓSTICO DO PROJETO DE INTERVENÇÃO

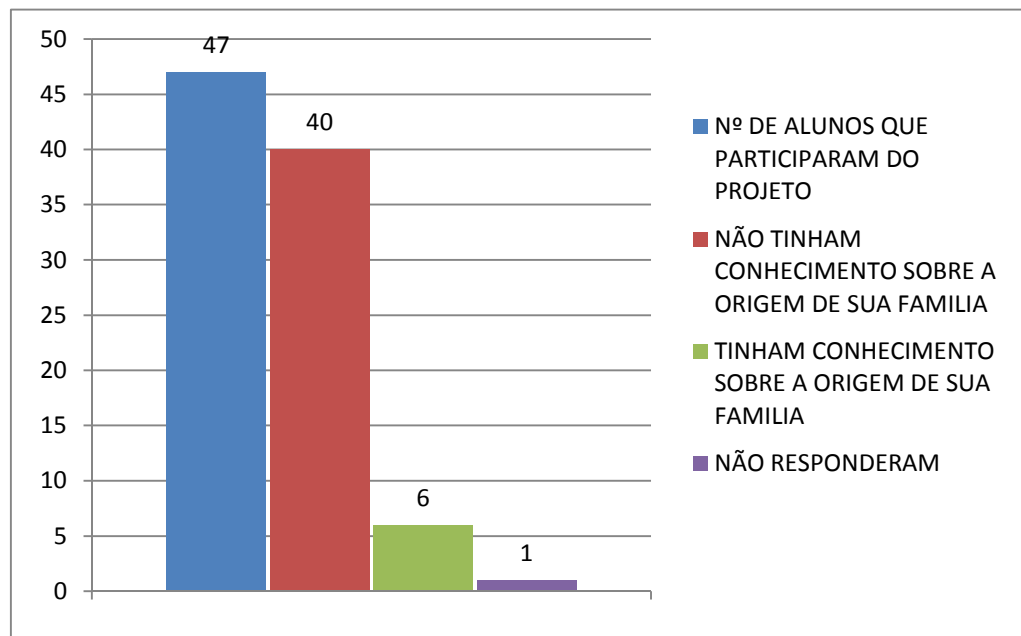


GRÁFICO 1

A partir desses dados, fez-se uma reflexão da importância da instituição família, pois pensar sobre a família não é algo fácil, pois são muitas as referências

que se têm sobre essa instituição. A primeira idéia está ligada à própria família, aquela na qual se nasce e é criado. Mas há pessoas que vivem em grupos familiares diferentes da maioria, que habitam outros lugares, distantes ou não do que seja o ideal, ou mesmo inseridas em outros tempos históricos, famílias estas que eram e ainda são muito mais diferentes do que a família padrão.

Mais do que nunca, neste começo do século XXI, depara-se com a ausência de um modelo único de família. Pluralidade, multiplicidade, novas organizações são palavras sempre presentes.

Assim, pensando nos vários modelos de família, o ponto de partida para a implementação do projeto na escola foi a análise do material didático-pedagógico, “As Relações Familiares ao longo da História”, cuja produção didática é da própria autora desse artigo. Discutiu-se a instituição família, a sua estrutura e fez-se um resgate histórico da família primitiva, família egípcia, família na antiguidade clássica, família medieval, família brasileira patriarcal e nuclear, família indígena e as várias possibilidades de organização familiar existentes atualmente na sociedade brasileira. Debateu-se todo um contexto histórico, que provocou as alterações familiares, principalmente a partir do século XX.

Este Caderno temático foi trabalhado em slides, através da TV multimídia¹¹. Foi um trabalho produtivo, pois além de ser um tema próximo do aluno, havia adolescentes que não se enquadravam dentro dos padrões tidos como de “família arquetípica”, comum na contemporaneidade. A maioria dos alunos integram o modelo de família nuclear, mas há os que convivem só com um dos pais, com padrasto, madrasta, criados por tios, avós, adotados.

Entretanto, os alunos perceberam que não importa o modelo de família, mas sim os laços afetivos, a harmonia e a felicidade entre os membros da mesma.

Dando sequência à implementação, trabalhou-se com fontes bibliográficas, a interpretação de dois textos: “A Produção do Conhecimento Histórico” e “O que é História Oral”. Estes textos serviram de subsídio para a aplicação das entrevistas com as famílias.

A próxima etapa foi organizar as entrevistas. Estas foram problematizadas por meio de discussões que propunham a reflexão sobre os caminhos e estratégias do rememorar na composição dos depoimentos orais.

Ressaltou-se a importância da forma do diálogo e a postura do entrevistado, pois, segundo THOMPSON (1992), “é preciso ter disposição para ficar calado e

escutar. Quem não consegue parar de falar e discordar do informante irá obter informações que são inúteis e enganosas”.

Deixou-se claro aos alunos que a história está na relação viva do dia-a-dia das pessoas, seja ela criança, adulta ou idosa, possibilitando assim a relação passado/presente.

Para as entrevistas, direcionadas aos pais, avós e outros elementos da família, foram elaboradas questões que abordssem tempos diferentes de vida, como a infância, adolescência, maturidade, trabalho, origem da família, sonhos e outras questões gerais.

É importante destacar que a entrevista é um recurso importante para fazer aparecer uma história oral e, como trabalhou-se com as memórias das famílias, esta é imprescindível, pois conforme THOMPSON (1992, p.25):

“Os historiadores orais podem escolher exatamente a quem entrevistar e a respeito do que perguntar. A entrevista propiciará, também, um meio de descobrir documentos escritos e fotografias que, de outro modo, não teriam sido localizados”.

Assim, à medida que as entrevistas iam ocorrendo, os alunos coletaram documentos escritos, como certidão de nascimento, casamento, óbito, cartas, lembranças de batismo, carteira de vacinação e fotografias da família, para análise. É importante salientar que a fotografia está incluída entre os novos documentos explorados pela historiografia. São memória viva, fonte de informação. Olhando para os álbuns de família e considerando que contam uma história, surge uma constatação: os registros fotográficos captam usualmente cenas de momentos marcantes, especiais, comemorativos.

A análise dos documentos foi uma atividade que despertou o interesse dos alunos, utilizaram e compararam diferentes documentos, refletindo e sistematizando os dados e as fotografias foram digitalizadas para compor os textos da história de vida dos mesmos.

Com relação às entrevistas, os alunos foram orientados conforme a indicação de THOMPSON (1992, p.146-147), esta se constitui “a primeira etapa e deve ser um registro fidedigno e exato”, pois deve retratar exatamente o que foi dito pelo entrevistado.

Concluídas as entrevistas, passou-se para a fase da transcrição. A leitura das entrevistas não foi tarefa simples. Trabalhou-se com a trajetória de vida de cada

entrevistado e, dessa maneira, as histórias de vida das famílias foram analisadas considerando-se que, no curso de suas vidas, as pessoas desempenharam e continuam desempenhando um conjunto de papéis sociais. Ecléa Bosi (1995) relata que as lembranças evocadas e transmitidas por um sujeito estão presas à sua trajetória de vida, o que permite oferecer um testemunho das transformações ocorridas ao seu redor e, ao mesmo tempo, produzir uma análise das mudanças por ele percebidas, como relata um avô entrevistado:

“Eu sou morador de Piraí do Sul há 83 anos. Nasci aqui, mas a minha família é de origem estrangeira, descendentes de italianos. Nesta rua que eu moro, antigamente era só campo, depois foi construída uma estrada de chão para a passagem de carroças que levava lenha para a estrada de ferro; foi construído também uma raia reta para corridas de cavalo, que acontecia no domingo à tarde, era uma diversão para nós. Sempre ficávamos na expectativa que um novo cavalo ganhasse os campeonatos. Aos poucos os moradores foram construindo suas casas e assim a população foi crescendo mais e mais, até que hoje o bairro da Ronda transformou-se na Avenida Ponta Grossa, asfaltada, com iluminação, muito importante para nós. Antigamente tudo era difícil de se conseguir, agora tudo é mais fácil, tem mercado, farmácias e lojas de roupas que antigamente não existia e o que tinha era muito difícil de encontrar, comprar e pagar.” (Informação verbal)¹²

Após a transcrição das entrevistas, os alunos fizeram o fichamento temático, em formulário próprio. Em sequência, fez-se a sistematização das informações e os alunos elaboraram a narrativa histórica, com o título “Memória Familiar”.

Em suas narrativas os alunos resgataram não só a sua ascendência familiar, mas também as memórias de infância e juventude dos seus pais e avós, como no depoimento do Sr. Luiz:

“A minha infância foi muito divertida, com várias brincadeiras, como pular corda, pega-pega, polícia e ladrão e adorava brincar de escorregar na grama molhada nos dias de chuva. A época que eu mais gostava era ir na casa de meus avós. Todo final de semana tinha reunião da família, nós nos divertíamos muito, contando piadas, histórias e jogos. As minhas tias eram muito divertidas. Nós saíamos juntos para brincar, conversar e muitas outras coisas. A minha juventude foi de muito trabalho na roça, mas ia na igreja e nos bailes no final de semana, foi assim que eu conheci sua avó, começamos a namorar e casamos (...).” (Informação verbal)¹³

O trabalho foi concluído com a árvore genealógica, pois o conhecimento da origem da família foi fundamental na construção da identidade pessoal de cada aluno, possibilitando o resgate de valores culturais e afetivos, conforme nos relata MANIQUE;PROENÇA (1994, p.24):

A construção de genealogias pelos alunos, de diferentes níveis de ensino, contribuirá para promover a identidade pessoal de cada aluno e a compreensão de uma realidade histórica que lhe é próxima e acessível. Permitir-lhes-á desenvolver valores culturais e afetivos, que são muitas vezes esquecidos na sociedade atual (sobretudo na família), contribuindo para a construção da identidade. Identidade essa, que se constrói a partir do conhecimento da forma como os grupos sociais viveram e se organizaram no passado, mas também da verificação da forma como se estruturaram para fazer aos problemas do presente, tendo um componente que aponta para o futuro, pelo modo como este se prepara através da fixação de objetivos comuns.

Com esta atividade de construção da árvore genealógica, pretendeu-se que os alunos promovessem o interesse pelo conhecimento do seu passado familiar, recolhendo informações sobre os seus ascendentes. A maioria deles conseguiu resgatar a ascendência até os bisavós e poucos até os trisavós, mas despertou a curiosidade para continuar a pesquisa. Segue abaixo o modelo de árvore genealógica preenchida pelos alunos.

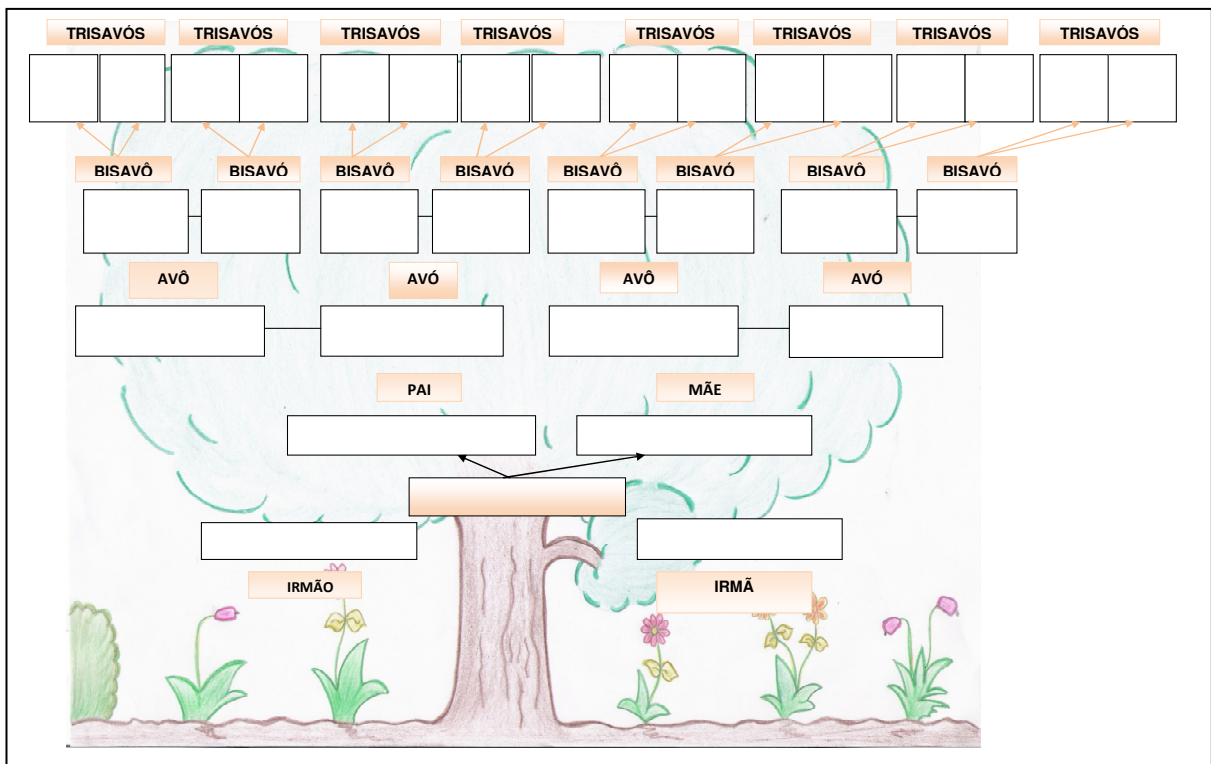


Figura 1: árvore genealógica

Constatou-se nesta pesquisa, que no meio familiar, os avós representam a imagem da união entre seus antepassados e seus descendentes. Os pais entrevistados só conseguiram repassar a seus filhos a origem familiar, graças à lembrança herdada pelos avós, como no depoimento de um pai:

“... minha bisavó do lado paterno, veio da Alemanha fugindo da Primeira Guerra Mundial e meu bisavô morreu na guerra. Meu outro bisavô, do lado materno veio da Itália, para a construção da estrada de ferro no Brasil. Minha bisavó materna, só sei que era portuguesa. O meu sobrenome Bueno é português, Brizola é italiano, já Rentz é alemão”.(Informação verbal) .¹⁴

Entretanto, percebeu-se através das entrevistas um lado fundamental, que é o fato de estas pessoas poderem dar aos mais novos um aprendizado de vida, como no relato do Sr. Otaviano:

“Minha família é de origem estrangeira, da Alemanha e da Itália. Meu pai era lavrador e minha mãe doméstica. Nasci no bairro da Jararaca, aqui em Piraí do Sul, numa casinha de madeira, simples. Eu tenho 13 irmãos. Na minha infância a brincadeira favorita era andar a cavalo. A vida era difícil. Acordava às 5 horas da manhã e ia dormir às 9 horas da noite. Hora de serviço não tinha quantia. Estudei muito pouco, naquele tempo não tinha este sistema de hoje, professor era particular. Hoje vocês só não estudam, se não quiserem, pois oportunidade todos têm. Meu primeiro trabalho foi de tocador de carro de boi, fui lenheiro, agricultor, boiadeiro, cabo do exército. Hoje cuido da criação que tenho. Mas vocês podem ter uma vida diferente, é só estudar que conseguem um bom emprego e a vida hoje é mais fácil”.(Informação verbal).¹⁵

Assim, com olhos de quem já percorreu um longo caminho no grupo familiar, constatou-se que os avós voltam-se para o passado para construir o hoje, frente à modernização da sociedade e dos papéis familiares, um modelo de família no qual é indispensável sua presença como mediador entre as gerações e como transmissor do valor social atribuído à família. Também, foi um momento do jovem dialogar com sua família, valorizando a instituição família, resgatando a importância das histórias familiares, como processo permanente de transmissão cultural, bem como, estabelecendo relações entre continuidade, permanência, ruptura e transformação nos processos históricos.

Na etapa final, foi solicitado aos alunos o preenchimento de uma avaliação pessoal para que as informações fossem confrontadas com o diagnóstico realizado

anteriormente. A maioria dos alunos iniciou o trabalho desconhecendo a origem de sua família e, no decorrer do processo, parte significativa da turma ampliou seu conhecimento, como podemos observar no gráfico abaixo :

AVALIAÇÃO DO PROJETO DE INTERVENÇÃO

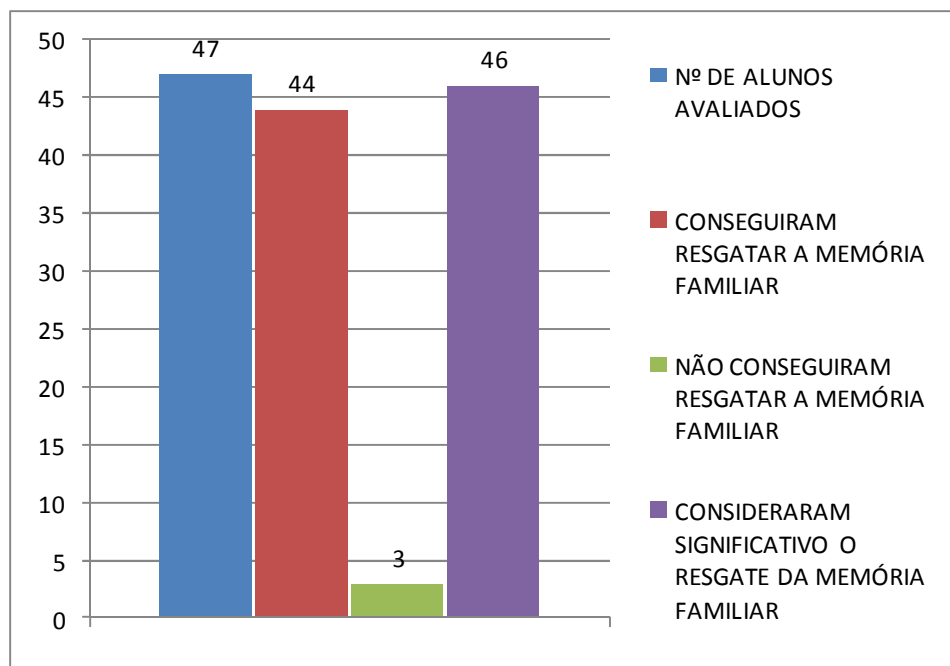


GRÁFICO 2

Percebemos, através do gráfico, que a maioria dos alunos resgatou a memória de sua família e considerou um trabalho significativo, conforme se observa a seguir:

“Foi muito bom conhecer a infância do meu pai e de minha mãe, muitas das brincadeiras daquela época permanece nos dias de hoje, mas as crianças tinham sua infância mais curta, pois começavam a trabalhar cedo.”¹⁶

“Foi interessante este projeto, pois o resgate da origem familiar é importante, ela revelou coisas que a gente nem imaginava e eu tive oportunidade de conversar com a minha família, principalmente com meus avós. A partir deste trabalho eu me interessei em descobrir tudo sobre a minha família.”¹⁷

“Eu gostei muito deste projeto, entrevistei meus pais, meus avós e consegui muitos dados interessantes, principalmente a origem do meu sobrenome, como foi a infância, a juventude deles e o mais importante, que meus pais gostaram muito de participar, lembrando fatos de suas vidas.”¹⁸

“Antes do projeto eu não achava importante, não tinha interesse pelo passado da minha família, nunca tinha conversado com meus pais. Mas depois do trabalho pronto, eu comecei a valorizar a história familiar, pude conversar com meus pais e hoje eu entendo por que eles insistem comigo para que eu estude e faça uma universidade. Através das entrevistas eu vi que tanto o meu pai como a minha mãe tiveram uma infância e juventude difícil, começaram a trabalhar ainda adolescentes e como seus pais eram rigorosos. A minha vida é muito boa perto do que eles tiveram.”¹⁹

Apenas três alunos não conseguiram fazer o resgate da memória familiar, pois vivem em famílias totalmente desestruturadas, o que impossibilitou a pesquisa, mas mesmo assim, dos três alunos, dois consideraram importante fazer o resgate familiar e iriam tentar dar continuidade à pesquisa, como se observa em seus depoimentos.

“Eu não consegui muitos dados sobre a minha família porque minha mãe não sabia informar, e como ela é separada do meu pai e eu não tenho contato com ele, não pude entrevistá-lo, não sei nada do lado paterno, mas eu acho importante conhecer a história da família. Pretendo continuar a pesquisar, pois eu quero um dia passar para os meus filhos.”²⁰

“Eu só entrevistei minha mãe, eu não conheci meu pai, ele abandonou minha mãe ainda grávida. Os meus avós maternos são mortos e os dados que eu consegui da minha mãe é pouco, mas eu gostei da pesquisa, vou entrevistar outros parentes, talvez eles me informem alguma coisa.”²¹

A última etapa da proposta de implementação foi a exposição na escola do resultado do trabalho realizado. Foram expostos as histórias de vida dos alunos. Pais, professores, direção, equipe pedagógica, funcionários e alunos foram convidados para a exposição.

O momento do compartilhar foi uma experiência extremamente rica e emocionante. Os alunos perceberam a importância de restabelecer o contato com o núcleo de origem, reconhecendo-se como indivíduos, cidadãos e protetores de memórias.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sabe-se que um dos problemas que atinge a sociedade atual é a desestruturação da chamada “família tradicional”, o que promove um afastamento maior entre os seus membros, bem como, o desinteresse e o desconhecimento da maioria dos jovens pela sua história familiar. Daí a importância de se resgatar esta memória, para que ela não desapareça.

A memória da minoria existe e deve ser pensada como parte da memória social. A riqueza cultural pode estar presente em qualquer pessoa. Nesse sentido, a construção da memória é fundamental, principalmente da memória dos anônimos, neste caso, as memórias das famílias dos alunos.

Este trabalho foi importante para a construção da identidade do aluno. Ele conheceu sua história familiar, buscou, através da história oral, quem foram e o que fizeram seus antepassados.

As idas e vindas ao passado transformaram as entrevistas em histórias de vida, permitindo não só uma visão de suas trajetórias como também uma perspectiva do seu meio social.

Uma das contribuições deste projeto refere-se à importância do ensino de História considerar que os jovens trazem experiências familiares e que a escola precisa buscar essas experiências para situá-los como sujeitos da História. As histórias que foram resgatadas dos pais, avós, bisavós significam mais do que simples memórias, são um referencial de identidade da família.

Assim, a memória familiar é imprescindível para a reconstituição do passado, seja individual ou coletivo, sendo considerada um recurso fundamental para a apreensão da identidade e da história.

A maioria dos alunos revelou que o trabalho desenvolvido contribuiu para conhecer melhor a história de sua família. Outra constatação é a necessidade do ensino de História valorizar as pesquisas de família, incentivar o diálogo entre os alunos e seus familiares.

Enfim, os resultados obtidos foram animadores. O tema pode ser aproveitado em todas as séries do Ensino Fundamental e Ensino Médio, já que cada faixa etária poderá contribuir e desenvolver as pesquisas à sua maneira, ampliando as pesquisas e descobertas, dando sempre um novo valor e enfoque a este estudo.

REFERÊNCIAS

- ALBERTI, Verena. **História Oral: A Experiência do CPDOC**. Rio de Janeiro: Editora FGV/CPDOC, 1990.
- ARIÉS, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. 2.ed.Rio de Janeiro:LTC,1981.279 p.
- BARROS, Myriam Moraes Lins de. **Memória e Família: Estudos Históricos**. Rio de Janeiro: vol. 2, n. 3, 1989, p. 29-42.
- BITTENCOURT, Circe (org.). **O saber histórico na sala de aula**. 10ªed. São Paulo: Contexto, 2005.
- BOSI,Eclea. **Memória e sociedade: lembrança de velhos**. 3.ed. SãoPaulo:Companhia das Letras, 1994.484 p .
- HALBWACHS, Maurice.**A memória coletiva**.São Paulo:Vértice,1990.189p.
- História Oral, Memória e História**.Disponível em:<[http://www.dci.ufscar.br?historia oral/historiaoral/htm-68k](http://www.dci.ufscar.br?historia%20oral/historiaoral/htm-68k) ->Acesso em 22 de setembro de 2009.
- LE GOFF, Jacques.**História e memória**.5.ed. Campinas,SP:Unicamp, 2003.539 p.
- MEIHY, José Carlos Sebe Bom.**Manual de História Oral**. 5.ed..São Paulo:Loyola,1996. 291 p.
- MANIQUE, Antônio Pedro; PROENÇA, Maria Cândida. **Didática da História: Patrimônio e História local**.Lisboa: Texto Editora, 1994.
- MARTINS, Estevão C. de Rezende.**Tempo e memória: construção social do passado na história**. Associação Nacional de História – ANPUH.VIV Simpósio Nacional de História.2007.
- MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de história oral**. 2. ed. São Paulo: Loyola, 1998.
- MICHAELE, Faris. **Manual de Normatização bibliográfica para trabalhos científicos**. 2. ed.Ponta Grossa:UEPG, 2007.131 p .
- PARANÁ. Secretaria Estadual de Educação do Paraná. **Diretrizes Curriculares de História**. Curitiba, 2006.
- PORTELLI, Alessandro. O que faz a história oral diferente. In: *Projeto História*. São Paulo, nº 14, fevereiro 1997.

- PRINS, Gwyn. **História oral**. In: BURKE, P.(org). São Paulo: Editora UNESP, 1992.
- ROUSSO. Henry. In: **Usos&abusos da história oral**. Janaína Amado e Marieta de Moraes Ferreira, coordenadoras. 3ªed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000.
- RÜSEN, J. **A razão Histórica**: teoria da história, fundamentos da ciência histórica. Brasília, DF: UNB, 2001. p. 57.
- THOMPSON, Paul. **A voz do passado**: história oral. Tradução de Lólio Lourenço. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- SILVA JUNIOR, Edson Teixeira. **História Oral e as Ciências Humanas**. Cadernos UniFOA. Volta Redonda, ano 2. nº 3. Mar. 2007. Disponível em: <<http://www.unifoa.edu.br/pesquisa/caderno/edicao/03/61.pdf>> Acesso em 22 de setembro de 2009.

NOTAS

-
- ¹ TOMÁZ, Tadeu da Silva(org). **Identidade e Diferença**: a perspectiva dos estudos disciplinares. 2ª Ed. Rio de Janeiro, Vozes, 2000. p. 96.
- ² ARIÉS, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. 2.ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.
- ³ DEMOS, John- **Little Commonwealth: Family Life in Plymouth Colony**. New York, 1970.
- ⁴ SHORTER, Edward- **The Making of the Modern Family**. New York: Basic Books, 1975; STONE, Lawrence- **The Family, Sex and Marriage in England. 1500- 1800**. New York: Harper & Row, 1977.
- ⁵ STONE, Lawrence- **The Family, Sex and Marriage in England. 1500- 1800**. New York: Harper & Row, 1977.
- ⁶ FREYRE, Gilberto. **Casa Grande & Senzala**. Formação da Família Brasileira sob o regime da economia patriarcal. Rio de Janeiro: José Olympio Ed., 1987, 25 ed.
- ⁷ VIANNA, Francisco de Oliveira. **Instituições Políticas Brasileiras**. Niterói: Ed. da Univ. Federal Fluminense, 1987, 2 vol.
- ⁸ CÂNDIDO, Antônio. "The Brazilian Family". In: T. Lynn Smith (ed)- **Brazil. Portrait of a Half Continent**. Nova York: Marchant
- ⁹ SAMARA, Eni Mesquita. **A família brasileira**. São Paulo: Brasiliense, 2004.
- ¹⁰ PRIORE, Mary Del. **A Família no Brasil Colonial**. São Paulo: Moderna, 1999.
- ¹¹ Nome dado aos equipamentos instalados nas salas de aula na Escola Estaduais do Paraná, onde é possível a transmissão de slides, vídeos e outros através de conexão do pendrive no aparelho de televisão.
- ¹² Informação fornecida por Francisco, 83 anos, em entrevista realizada no dia 23/05/2008.
- ¹³ Informação fornecida por Luiz, 75 anos, em entrevista realizada no dia 27 de maio de 2009.
- ¹⁴ Informação fornecida por José Laertes, 46 anos, em entrevista realizada no dia 28/05/2009.
- ¹⁵ Informação fornecida por Otaviano, 89 anos, em entrevista realizada no dia 12/05/2009.
- ¹⁶ Depoimento escrito realizado em sala de aula pela aluna Thayla, no dia 15 /06/2009.
- ¹⁷ Depoimento escrito realizado em sala de aula pela aluna Débora, no dia 15 /06/2009.
- ¹⁸ Depoimento escrito realizado em sala de aula pelo aluno José Henrique, no dia 15 /06/2009.
- ¹⁹ Depoimento escrito realizado em sala de aula pela aluna Isabele, no dia 15 /06/2009.
- ²⁰ Depoimento escrito realizado em sala de aula pela aluna Juliana, no dia 15 /06/2009.

²¹ Depoimento escrito realizado em sala de aula pelo aluno Lucas, no dia 15 /06/2009.